



## GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

### A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil  
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

## COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO NAS ATIVIDADES DO GRUPO DE EXTENSÃO

**Ana Paula Silva dos Santos**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

[acs@unesc.net](mailto:acs@unesc.net)

**Carina Nunes**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

[ana.paulasilvadossantos@hotmail.com](mailto:ana.paulasilvadossantos@hotmail.com)

**Cristina Keiko Yamaguchi**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

[criskyamaguchi@gmail.com](mailto:criskyamaguchi@gmail.com)

**Abel Corrêa de Souza**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

[carinanunes@unesc.net](mailto:carinanunes@unesc.net)

**Resumo:** A gestão do conhecimento está relacionada ao desenvolvimento da sociedade e desempenho das organizações. Nesse contexto, esta pesquisa busca conhecer se as Comunidades de Práticas (CoP) contribuem para transferência e compartilhamento de conhecimento nas atividades de extensão do Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Os procedimentos metodológicos adotados foram: aplicada, dedutiva, qualitativa, descritiva e exploratória, em um formato de estudo de caso, com a técnica de pesquisa a observação participante. A pesquisa foi realizada com o Grupo de Extensão do POPE. As comunidades de práticas foram evidenciadas quando promovem os encontros entre o professor orientador, o grupo de extensão e a comunidade local, quando trocam conhecimentos e novas tecnologias. Conclui-se que há o uso das Comunidades de Prática pelos grupos de extensão do POPE, sendo suas atividades fundamentais para a aplicação do conhecimento em campo.

**Palavras-chave:** Gestão do Conhecimento, Compartilhamento de conhecimento, Extensão, POPE.

## 1. INTRODUÇÃO

A inovação é cotada como proposta para melhorar o desempenho das organizações. A mesma pode ter sua aplicação de forma incremental ou por ruptura, utilizando por base produtos ou processos. Dentro das possibilidades de inovação destaca-se a gestão do conhecimento (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, LEMOS, 1999, CHOO, 2003, FIALHO *et al*, 2006, SONG; WEGGEMAN, 2006, LEITE; COSTA, 2007, TAKEUCHI; NONAKA, 2008, ZANELLA, 2008, CARVALHO, 2013; LINO, 2013, RODRIGUES; GRAEML, 2013, ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO, 2014). Esta área é caracterizada pela criação, difusão e incorporação do conhecimento através da socialização, codificação e decodificação do mesmo. Assim os dados são transformados em informação, que geram o conhecimento, formando o saber.

A gestão do conhecimento é aplicada por inúmeros tipos de ferramentas. Entre elas encontram-se as comunidades de prática (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, SCHOMMER, 2005, TERRA, s.d.). Estas comunidades são grupos formais, que a partir de objetivos em comum trocam conhecimentos.

A universidade reúne em sua organização um grupo de pessoas com interesse comum, o desejo da troca de saberes. Este formato de instituição é caracterizado não somente pela troca de conhecimento por meio do ensino, mas também da pesquisa e extensão.

A Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) abraça o dever da extensão de modo mais intenso, isto porque em seu formato carrega também a característica de uma Universidade comunitária, visando o auxílio a sociedade.

Desta forma, o presente estudo objetiva conhecer se as Comunidades de Práticas (CoP) contribuem para transferência e compartilhamento de conhecimento nas atividades de extensão do Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A próxima seção apresentará a contextualização dos principais temas do estudo. Inicialmente será decorrido a respeito da gestão do conhecimento e as comunidades de prática.

### 2.1 GESTÃO DO CONHECIMENTO

A velocidade das mudanças do mercado faz com que para se manter competitivo haja há a necessidade de se atualizar. O mercado se sustenta sobre a tecnologia e a capacidade de prover e absorver as informações (LEMOS, 1999). A tecnologia está refletindo em grandes mudanças na economia, sendo ela um produto da transformação da informação em conhecimento. Desta forma as organizações estão em um processo de transição, em que não mais se comercializa apenas bens tangíveis, mas também bens intangíveis. Seu valor também não está mais sendo calculado por sua formação física, mas por seus recursos intelectuais (ZANELLA, 2008).

Carvalho (2013) explicita em seu trabalho que a geração de conhecimento por parte dos recursos humanos da organização é decorrente do ambiente em que os mesmos estão inseridos. Assim um ambiente para que fomenta a criação do conhecimento necessita primordialmente de uma cultura voltada para o desenvolvimento do mesmo e uma liderança que instigue a criatividade.

A partir da inserção em um ambiente favorável, há mais, a saber, por parte dos gestores. É relevante para a implantação de uma gestão baseada no conhecimento a

diferenciação entre dado, informação e conhecimento. Os dados são facilmente reconhecidos, quantificáveis e de simples transferência. As informações são dados com significados, que irão se transformar em conhecimento, este por sua vez apresenta-se de forma mais complexa, caracterizado por sua composição de vários elementos. O conhecimento é um produto da informação, sendo a informação um produto dos dados, havendo um fluxo entre os termos. É comum o engano entre essas duas expressões, onde algumas vezes é utilizado o termo gestão do conhecimento, ao invés de gestão da informação (RODRIGUES; GRAEML, 2013).

O conhecimento, para os formadores do conceito de gestão do conhecimento, Nonaka e Takeuchi (1997) é dividido em duas formações diferentes, conhecimento tácito e explícito. O primeiro denominado conhecimento explícito, também é conhecido por ser objetivo, é o de fácil codificação e transmissão, ele pode ser encontrado em documentos escritos, em via impressa como livros, manuais, ou de forma eletrônica, como portais. Já o segundo, chamado conhecimento tácito é o formato mais complexo, sua perpetuação se dá por meio da socialização entre os seres. O conhecimento subjetivo, isto é, o tácito é gerado por meio de situações como experiências, estudos e intuição.

A formação do conhecimento se dá na transformação do conhecimento tácito em explícito e do explícito em tácito. Há inúmeras ferramentas para que haja este ciclo de transformações. Nonaka e Takeuchi (1997) utilizam a espiral, conhecida ainda como modelo ou processo SESI. Neste formato o fluxo é composto pela socialização, passando para a externalização, a combinação e por fim a internalização.

Na etapa da socialização há a transferência do conhecimento tácito, em um formato de indivíduo para indivíduo, ou seja, face a face. A transferência ocorre por meio da observação, imitação e prática advindas da experiência. A externalização ocorre do indivíduo para o grupo, com a transmissão do conhecimento tácito para o explícito. Nesta fase o diálogo e as análises resultam na formação de conceitos. Na combinação o conhecimento explícito gera conhecimento explícito, em um processo de grupo para organização, isto ocorre por haver a convergência de conhecimentos explícitos distintos, sistematizando ainda os conceitos já existentes. Por fim a internalização é um processo que ocorre da organização para o indivíduo, por meio da transferência do conhecimento explícito para tácito. A conversão das competências em habilidades encontradas nesta fase é ainda descritas como reexperimentar a experiência de quem lhe transferiu o conhecimento (FIALHO *et al*, 2006, TAKEUCHI; NONAKA, 2008).

A gestão do conhecimento apresenta como função planejar e controlar as ações. O planejamento envolve a amplitude das ações que serão elaboradas para a aplicação, como a identificação, a aquisição, o armazenamento, o compartilhamento, e a criação do conhecimento (LEITE; COSTA, 2007).

O conhecimento é crucial para o desenvolvimento de uma sociedade. As nações com mais conhecimento acumulado, melhor se posicionam na econômica (ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO, 1997). Uma das instituições mais conhecidas por gerar conhecimento são as universidades, a aplicação deste saber é usualmente encontrado no mundo empresarial. O governo rege e algumas vezes financia a criação do conhecimento, as três instituições formam a *Triple Helix*. A aplicação da gestão do conhecimento é através do compartilhamento de conhecimento, utilizado ferramentas como a comunidade de prática, tema aprofundado na próxima sessão.

### **2.1.1 Compartilhamento do Conhecimento**

A Gestão do conhecimento é um processo que trata da conversão do conhecimento por meio de ações relacionadas à criação e à disseminação desse conhecimento, que lhe conferem

uma vantagem benéfica para organização a fim de assegurar a sustentabilidade dela (CHOO, 2003; NONAKA; TAKEUCHI, 1997; SONG; BID; WEGGEMAN, 2006).

A partir de um levantamento realizado na literatura, foi observado que Nonaka e Takeuchi (1997), identificam e compreendem como acontece a criação de conhecimento nas organizações, da seguinte forma:

1. Aumento da base de conhecimentos tácitos de um indivíduo.
2. Uso da socialização para transferir esse conhecimento a toda a organização, liberando o conhecimento tácito do indivíduo.
3. Difusão interativa do conhecimento entre os diferentes níveis da organização.
4. Aumento da variedade de requisitos, reestruturação da organização e introdução do caos criativo na organização.
5. Criação de nova tecnologia e de novos processos que exigem inovação contínua.

O conhecimento atinge igual importância e equipara-se a um recurso de poder de competitividade nas organizações que possuem a capacidade de criar um novo conhecimento e difundi-lo em sua totalidade.

Há um reconhecimento crescente de que a chave para a criação de conhecimento reside na interligação entre o conhecimento tácito e o explícito. Nesse contexto, a Gestão do Conhecimento é vista como um agente facilitador, permitindo às organizações se desenvolverem e serem mais competitivas. O conhecimento é um misto de experiências, valores e informação contextual que fornece uma estrutura para avaliar e incorporar novas experiências e informação. É aplicado na mente das pessoas, da qual se origina.

### **2.1.2 Comunidade de Prática**

A formulação de um grupo informal, baseado em interesse em comum, com o objetivo de transferência de conhecimento, assim como a aplicação prática do mesmo é denominada Comunidade de Prática. A formulação deste conceito foi elaborada por Etienne Wenger. Estes grupos atraem a atenção de organizações, que veem em sua teoria a possibilidade do crescimento de seus colaboradores através do aprendizado coletivo e também como uma forma de inovação institucional. O compartilhamento de conhecimento entre pessoas que apresentam semelhanças entre seus interesses é bastante difundido. No momento em que a pessoa expõe este conhecimento, o ouvinte por consequência adquire parte deste saber, atuando como uma forma de gestão do conhecimento (TERRA, s.d.). Estes grupos estão em todos os lugares, não apenas em organizações empresariais, mas também em escolas, família, diversão entre outros, todos os seres humanos participam de comunidades sem ao menos saberem (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, SCHOMMER, 2005).

As comunidades de prática são flexíveis de acordo com a necessidade, porém apresentam um modelo básico fundamentado no domínio do conhecimento, na comunidade de pessoas e na prática de compartilhamento. O processo inicia com o domínio, que conforme Wenger, Mc Dermott e Snyder (2002, p. 28) “[...] *inspires members to contribute and participate, guides their learning, and gives meaning to their actions*”, desta forma o domínio refere-se a área central do conhecimento, responsável pela criação e união da comunidade. O domínio pertence aos componentes da comunidade, considerando a comunidade de prática uma indústria de conhecimento, seu diferencial está no relacionamento baseado no respeito e na verdade, Wenger, Mc Dermott e Snyder (2002, p. 28) completa dizendo que a comunidade “[...] *encourages a willingness to share ideas, expose one’s ignorance, ask difficult questions, and listen carefully*”. Por fim a prática desenvolve o domínio, por meio de “[...] *ideas, tools, information, styles, language, stories, and documents [...]*” (WENGER; MC DERMOTT; SNYDER, 2002, p.29) compartilhados no grupo.

## 2.2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O anseio por produzir e difundir o conhecimento acompanha a universidade em toda a sua existência. Este resultado é o reflexo das ações desenvolvidas pelo ensino, pesquisa e extensão. O ensino promovido pela universidade envolve-se em um foco teórico. A possibilidade de migração do conhecimento para a sociedade, com o acompanhamento dos professores, promovendo um acréscimo no conhecimento, é denominada extensão (CASTRO, 2004).

A interação universidade e sociedade apresenta relevância por perpetuar o conhecimento gerado em seu interior, porém entre as atividades desenvolvidas pela universidade mostra-se como atividade secundária (CASTRO, 2004). A ampliação da atividade da universidade para a sociedade é caracterizada por Castro (2004) e Serrano (2013) com o termo “mão dupla”, entre a sociedade e a universidade, em que a principal matéria prima é o conhecimento.

A atividade de extensão surge de uma demanda, visualizada na sociedade local. Ela traz na figura do professor um orientador, que auxilia no desenvolvimento das tarefas em campo. O saber científico desenvolvido no trabalho dos professores e acadêmicos, advém de várias áreas, formando um conhecimento interdisciplinar, quando considerado que os conhecimentos interagem entre si (CASTRO, 2004).

Contudo, historicamente o surgimento da extensão é apresentado com um formato vertical, em que o conhecimento saía da universidade e direcionava-se a sociedade, porém sem retorno. Em um segundo momento encontra-se o modelo do voluntarismo, com uma perspectiva filantrópica, onde na Idade Média havia a ação dos Jesuítas na educação e tempos depois a atuação dos movimentos estudantis, com ênfase na América Latina. A última etapa é a ação sócio-comunitária institucional, onde a extensão é inserida em um formato de curso, iniciando como um ato manipulador, com o conhecimento de “mão única”, sendo modificada pelos movimentos estudantis para trocas de conhecimento (SERRANO, 2013).

O formato do projeto de extensão é desenvolvido de acordo com as necessidades do público alvo, não há um método correto ou errado, há apenas a adequação a demanda. A partir desta inserção existe a humanização do conhecimento científico (CASTRO, 2004). As ações sociais trouxeram desafios para os professores universitários, pois no momento de inserção nas comunidades, os acadêmicos levavam para sala de aula demanda da realidade, que se encontravam fora do conhecimento dos docentes, fortalecendo os movimentos contra o formato de extensão verticalizado ou manipulador (SERRENO, 2013).

A extensão universitária tomou o formato onde apresenta o compromisso social, através da ligação entre ensino, pesquisa e extensão, de forma interdisciplinar, com direito a financiamento governamental e a visão do conhecimento popular encontrado na sociedade como uma moeda de troca para a atividade da extensão (SERRENO, 2013).

O Programa Institucional de Projetos de Extensão encontrados na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), localizado na cidade de Criciúma, Santa Catarina apresenta um conjunto de objetivos (UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, 2013, p. 1):

- a) Promover atividades de extensão com compromisso socioambiental, cultural, técnico e científico, em consonância com a missão institucional e articulada com o ensino e a pesquisa;
- b) Mobilizar a comunidade acadêmica a desenvolver ações e atividades de extensão, possibilitando o exercício da cidadania e a participação crítica no contexto social;
- c) Estimular atividades relacionadas à socialização do conhecimento, por meio da discussão e encaminhamento de alternativas de soluções aos problemas sociais, contribuindo para a melhoria da qualidade do ambiente de vida;

- d) Possibilitar uma maior interação das atividades de extensão com o ensino e a pesquisa, trazendo questões referentes ao contexto social para os currículos dos cursos da UNESC.
- e) Ampliar a participação de docentes e acadêmicos da UNESC em atividades de extensão e ação comunitária.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A partir da aplicação dos conhecimentos gerados das teorias já existentes, e buscando contribuir com o avanço da ciência, utiliza-se da metodologia para por a pesquisa em prática. Para Freire (2014), a área da ciência prática é aquela que colabora para encontrar soluções de problemas em uma comunidade específica, onde o pesquisador está inserido. A mesma denota a necessidade prévia das teorias da pesquisa básica para a utilização da aplicada na resolução de problemas da vida real.

A extensão universitária possibilita uma amplitude de opções para abordagens de pesquisas, no entanto, a abordagem qualitativa permitirá fazer uma análise consistente dos dados, para uma interpretação mais aprofundada (GIL, 2008). Por meio do método dedutivo Andrade (2007) nos remete ao caminho das consequências, à conclusão do geral para o particular, onde a partir das teorias gerais pode-se determinar ou prever fenômenos particulares. Os termos extensão universitária e programa de extensão, estão ligados ao conceito de união da comunidade de prática na transmissão de conhecimentos. Conhecer este ambiente remete a necessidade de utilizar a metodologia quanto aos objetivos de pesquisa exploratória, onde haverá maior familiaridade com o problema, aprimorando ideias e descobertas (GIL, 2008).

Para completar as lacunas do formato quanto ao objetivo de pesquisa exploratória, utilizou-se o formato descritivo. Assim apresenta-se nos resultados a descrição do processo que ocorrem nas ações dos projetos de extensão, caracterizando os fenômenos e demonstrando as relações entre os fatos (GIL, 2008).

O estudo de caso distingue-se por ser aprofundado e permitir o amplo conhecimento da realidade em questão. Para Freire (2014) este método facilita a explicação de várias causas do fenômeno e suas relações com a situação vivenciada, sendo este o formato utilizado como estratégia de pesquisa. Por fim, utiliza-se a técnica de pesquisa a observação participante, permitindo um exame minucioso das práticas realizadas.

A pesquisa junto ao grupo de extensionistas que participam do projeto de extensão do POPE foi realizada por meio de um questionário enviado por e-mail, no período de agosto de 2014. O questionário foi composto de 36 perguntas para avaliar como ocorre o compartilhamento de conhecimento entre os extensionistas, professores coordenadores e público alvo.

### **4. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

Nesta seção são apresentados os resultados da pesquisa. Em um primeiro momento é localizado onde se encontram os projetos de extensão, perante a universidade e a sociedade. Em seguida, são apresentados os dados referentes a pesquisa da utilização da Gestão do Conhecimento na extensão universitária.

#### **4.1 INTERAÇÃO UNIVERSIDADE E SOCIEDADE**

O fator fundamental na classificação de uma universidade é a abrangência de suas atividades. As funções destes centros de educação são compostas por ensino, pesquisa e

extensão. Os grupos de extensão universitária visa o contato entre os acadêmicos e a sociedade, com o objetivo do desenvolvimento mútuo (UNESC, 2014).

O ensino, a pesquisa e a extensão apresentam uma metodologia diferenciada entre si, mas os três visam o crescimento intelectual do acadêmico. Conceição (2013) alerta da necessidade de ampliar o contato entre a academia e a sociedade, como meio de desenvolvimento através da transferência do conhecimento constituído na universidade e aplicado na resolução de problemas sociais e empresariais. Essas ações refletem no ambiente interno e externo a universidade, com a geração do conhecimento por meio da intergração da teoria e prática (MORAIS, 1989; VANNUNCCHI, 2004).

Com fins específicos de geração de conhecimento, a universidade necessita preencher as lacunas existentes no processo de ensino, pesquisa e extensão observadas na falta de iniciativa das empresas em relação ao uso do conhecimento (LINO, 2013). Brisolla *et al* (1997) em seus estudos sobre comportamento empresarial após a abertura comercial brasileira, demonstra que há uma queda das parcerias entre empresas e universidade, decorrente da privatização das empresas. Desta forma há um reflexo negativo no desenvolvimento socioeconômico da população economicamente ativa, devido à ruptura entre a transferência do conhecimento advindo da formação universitária, para empresas, no momento do ingresso no mercado de trabalho.

A Unesc é mantida pela Fundação Educacional de Criciúma, entidade instituída pela Lei Municipal n. 267, de 22 de junho de 1968, com sua legislação consolidada pela Lei Municipal n. 2.897, de 15 de outubro de 1993, e é pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e de finalidade filantrópica (Estatuto da FUCRI, Art. 1o), o que a legitima como uma Universidade Comunitária. A prática de extensão universitária na UNESC está ancorada em seu Estatuto (Resolução n. 01/2006/CSA), no Art. 6o, inciso VIII, que estabelece o princípio de “equilíbrio nas dimensões acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão”; no Art. 7o, incisos IV, V e VII, que se referem aos objetivos de socialização dos conhecimentos, disseminação de informação e cultura e excelência na prestação de serviços; e no Art. 40, que caracteriza a extensão, estabelece as responsabilidades quanto à elaboração, a execução e a supervisão das ações, e define os modos de realização, as prioridades e focos direcionais. Com base nestes pressupostos, a UNESC está aberta à comunidade e a UNA CSA.

Em abril de 2006 são extintas as funções de direção vinculadas às pró-reitorias e a reforma cria as Unidades Acadêmicas (UNA), desta forma as atividades de extensão passam a ser responsabilidade de docentes. A Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas (UNACSA), está articulada ao diretor das UNAs e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão através da Pró-Reitora e da Assessoria Técnica para Assuntos de Extensão. (RESOLUÇÃO n. 06/2008/CONSU)

Para Pró-Reitoria de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras a Extensão Universitária é “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade de a Sociedade”. Definem-se então os pressupostos na área da Extensão e a UNESC assume seu compromisso de presença e intervenção na sociedade, considerando esta como um processo orgânico no qual as comunidades, que conhecem seus problemas, constituem-se em verdadeiros laboratórios capazes de proporcionar aos acadêmicos uma visão de mundo mais real.

#### 4.2 PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO AO PEQUENO EMPREENDEDOR – POPE

O Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE) é resultado de um convênio estabelecido entre a UNESC e uma instituição de microcrédito – CREDISOL em Criciúma - Santa Catarina. Sua operação era baseada em um formato de organização não

governamental até junho de 2002, com o reconhecimento por parte do Ministério da Justiça, transformou-se em Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, com base na Lei Federal Nº 9790 de 23 de março de 1999. Desta forma, a Credisol oportuniza crédito para pessoas físicas e jurídicas, que têm dificuldades de acesso ao mesmo no sistema financeiro tradicional, e que desejam implantar, ampliar ou melhorar seu negócio.

O POPE é um programa vinculado a Unidade de Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas - UNACSA, criado em 2008, com o propósito de levar assistência técnica e capacitação a microempreendedores que buscam no crédito uma alternativa de trabalho e renda. A política de Extensão da UNESC, a resolução Nº. 06/2008/CONSU, especifica os métodos de operacionalização que pode abranger desde a assessoria, consultoria, realização de eventos, formação/qualificação pessoal, entre outras. Essas áreas são desenvolvidas na UNESC por meio de ações práticas junto às comunidades. No caso do POPE as linhas de extensão abrangidas são: emprego e renda, empreendedorismo, educação profissional. De acordo com a política de extensão da UNESC os projetos de extensão caracterizam-se pela atuação que exerce na realidade social, por meio de atividades contínuas de caráter educativo, social, cultural ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado.

O quadro 2 mostra os projetos vigentes entre 2014 a 2016, com as atividades realizadas pelos extensionistas e professores do POPE junto às comunidades locais.

**Quadro 2:** Divisão dos Projetos

Projeto	Objetivos
1. Ações direcionadas a capacitação em empreendedorismo, plano de negócios e responsabilidade social.	a) Capacitar os acadêmicos extensionistas;
Local de aplicação: Município de Criciúma, SC – Bairro Pinheirinho	b) Desenvolver oficinas dos processos de gestão de um empreendimento;
Início: 2011 Linha de Extensão: Emprego e Renda	c) Propiciar oficinas para a elaboração de um produto ou serviço inovador;
2. Finanças pessoais para escolas municipais do Território Paulo Freire.	d) Elaboração de planos de negócios;
Local de aplicação: Escolas do Território Paulo Freire	e) Apresentar as fontes externas de recursos financeiros para geração de trabalho e renda.
Início: 2012 Linha de Extensão: Educação Profissional.	a) Contextualizar a realidade financeira dos participantes;
3. Assessoria na gestão, capacitação empresarial e empreendedorismo para as empresas incubadas da Itec.in – Incubadora Tecnológica de Ideias e Negócios do IPARQUE – Parque Científico e Tecnológico da UNESC.	b) Conceituar finanças e orçamento doméstico e a sua aplicação prática;
Local de aplicação: Itec. In	c) Ensinar dicas de economia para o dia-a-dia;
Início: 2014 Linha de Extensão: Empreendedorismo	d) Discorrer sobre as formas mais vantajosas de compras;
	e) Elaborar um orçamento familiar;
	f) Diferenciar receitas, despesas fixas e variáveis e investimentos.
	a) Diagnosticar a situação atual dos empreendimentos incubados;
	b) Criar rotina e cronograma de assessoria;
	c) Revisar o plano estratégico, operacional e de marketing do empreendimento;
	d) Revisar as projeções econômico-financeiras do empreendimento, fazendo as adequações necessárias;
	e) Realizar levantamento das necessidades para capacitação dos empreendedores;
	f) Estabelecer indicadores de controle do negócio;
	g) Acompanhar o desenvolvimento das empresas incubadas.

Continua ...



Continuação ....

4. Ações direcionadas a capacitação em empreendedorismo e gestão empresarial, por meio do desenvolvimento do plano de negócios para empreendimentos rurais de vitivinicultores dos Vales da Uva Goethe de Urussanga - SC.	a) Capacitar a equipe de extensão quanto a Indicação de Procedência no Vales da Uva Goethe - IPVUG; b) Diagnosticar a situação atual dos empreendimentos rurais envolvidos; c) Desenvolver o plano estratégico do empreendimento; d) Desenvolver o Plano Operacional do empreendimento, incluindo a orientação para a legalização do empreendimento, se necessário; e) Desenvolver o Plano de Marketing em consonância com as estratégias de marketing do IPVUG; f) Realizar as projeções econômico-financeiras do empreendimento em estudo
Local de aplicação: Vitivinicultores de Urussanga-SC.	
Início: 2014 Linha de Extensão: Emprego e Renda	

**Fonte:** Edital 2014, do POPE.

### 4.3 FUNCIONAMENTO DOS PROJETO DE EXTENSÃO - POPE

O grupo de extensionistas do Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE) e composto por 8 (oito) acadêmicos, atuantes como bolsistas e voluntários, entre os 4 (quatro) projetos que compõem o programa, assim como apresentado no Quadro 3:

**Quadro 3:** Perfil dos extensionistas.

Projetos	Bosistas	Fase	Voluntários	Fase
Ações direcionadas a capacitação em empreendedorismo, plano de negócios e responsabilidade social	Administração com Habilitação em Comércio Exterior	8	Ciências Contábeis	3
			Administração de empresas	2
	Administração de empresas	8	Administração de empresas	4
			Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sócio Econômico	2
Assessoria na gestão, capacitação empresarial e empreendedorismo para as empresas incubadas da Itec.in – Incubadora Tecnológica de Ideias e Negócios do IPARQUE – Parque Científico e Tecnológico da UNESC	Ciências Contábeis	3	Administração com Habilitação em Comércio Exterior	8
			Administração de empresas	8
	Administração de empresas	4	Administração de empresas	2
			Administração de empresas	8
Finanças Pessoais	Ciências Econômicas	8		
	Ciências Econômicas	2		
Ações direcionadas a capacitação em empreendedorismo e gestão empresarial, por meio do desenvolvimento do plano de negócios para empreendimentos rurais de vitivinicultores dos Vales da Uva Goethe de Urussanga – SC.			Administração com Habilitação em Comércio Exterior	8
			Administração de empresas	2

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Os grupos de extensão são compostos de acadêmicos de diversos cursos, sendo: 3 de Administração de empresas, 2 de Ciências Econômicas, 1 de Administração com Habilitação em Comércio Exterior, 1 de Ciências Contábeis e 1 do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico.

Todos os grupos de extensão fazem sua preparação em uma reunião semanal, com duração de 1 a 2 horas, na presença dos professores e extensionistas. Utiliza-se também e-mails ou outras reuniões para melhor esclarecimento. São discutidas nessas reuniões, as situações ocorridas em campo, para melhor compreensão da ação do projeto e análise de melhorias para aplicação futura em campo. São ainda planejadas as futuras idas a campo e as atividades a serem desenvolvidas.

Nos depoimentos dos extensionistas, as reuniões foram consideradas importantes, a relatar:

Extensionista 1: Com certeza, as reuniões são momentos de troca de conhecimento, formatação das aulas, aprovação dos trabalhos feitos anteriormente para aplicação posterior, formatação do entendimento das atividades, momento de criação com base em ideias que surgem nas conversas, entre muitas outras possibilidades.

Extensionista 2: “[...] Eu, por exemplo, que estou na segunda fase, ainda não passei várias disciplinas que são abordadas no curso de empreendedorismo, mas depois da reunião fica definido o tema da próxima aula.”

A formatação das atividades de campo é elaborada nas reuniões. É seguido um cronograma sucinto, em que durante as reuniões são discutidas melhorias, implementações para fortalecer as atividades, possibilitando maior liberdade por parte dos extensionistas em suas atividades de campo. É apresentada ainda a adaptação do projeto ao ambiente de aplicação do mesmo, onde datas e horários são discutidos em conjunto.

Quando questionado com relação a aproveitamento do conteúdo discutido em reunião na aplicação em campo, os extensionistas relatam que em sua maioria conseguem aplicar o discutido em reunião, porém, como a atividade depende da compreensão e agilidade de um terceiro, ou seja, o público alvo há situações que acabam por ter de estender o período de aplicação da atividade.

Com relação à presença do professor coordenador em campo, os acadêmicos relatam que em 2 dos projetos os professores sempre estão em campo e nos outros 2 algumas vezes vão a campo, porém sempre estão disponíveis no caso de houver necessidade.

O nível de conhecimento dos extensionistas é relevante em campo, desta forma questionou-se a suficiência do saber compartilhado pelos professores extensionistas em reuniões e capacitações. Neste ponto 5 respondentes afirmam que sim, é suficiente. Outros 3 falam de um conhecimento complementar, conforme afirma o respondente 6: “O conhecimento teórico adquirido cumpre o seu papel, mas é, de certa forma, limitado se comparado com a soma do conhecimento teórico adquirido com a experiência prática na aplicação do conhecimento.”. Em contra partida, todos os respondente afirmam buscar um conhecimento complementar para ir a campo.

As capacitações complementares também ocorrem. Dos acadêmicos respondentes 6 afirmaram receber capacitações. Essas capacitações são descritas desde as reuniões, em que os professores preparam o acadêmico para ir a campo, como reuniões que ocorrem em conjunto com todos os grupos de extensão da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais e Aplicada (UNACSA). A frequência se apresenta de forma ampla, considerando que as reuniões com os professores são semanais e os demais encontros apresentam um período maior de aplicação. Assim como a duração, que varia de 30 minutos a 4 horas, sendo considerado um tempo suficiente. Foi questionando ainda os assuntos tratados durante as capacitações, onde se apresentou temas relacionados com o funcionamento dos projetos de extensão, conforme relata o respondente 1: “[...] trata como preparar o acadêmico na organização, manutenção e formalização das rotinas na Estrutura Administrativa da Extensão da UNACSA e da UNESC.”. Quanto a importância, há a unanimidade na crença de ser positivo, como escreve os respondentes 2 e 6 consecutivamente: “Muito importante, pois por meio destas capacitações adquirimos mais conhecimento para poder atuar em campo” e “São uma boa forma de nivelamento e melhoramento”.

A segunda etapa do questionário visava o entendimento com relação à estadia do extensionista em campo. Inicialmente buscou-se saber a frequência da ida a campo dos extensionistas, em que por projeto 7 responderam ir a campo 1 vez por semana por projeto, porém há alguns acadêmicos que participam de 2 a 3 projetos. Um respondente relatou ir a campo conforme a disponibilidade do aluno. O período de duração destas atividades variam entre 1 hora a 5 horas, com um público de 1 pessoa a 33.

O conhecimento levado para o campo pelos acadêmicos extensionistas, segundo os mesmos, apresenta um retorno, no formato de aprendizagem com o público. No momento de compartilhamento de conhecimento, percebe-se com relação às respostas dos extensionistas que o público com mais idade é mais fácil de deter a atenção, quando comparado ao público mais jovem. No entanto, à medida que vão explanando o assunto, ou com o auxílio de mais de um acadêmico, vai se trabalhando a busca pela atenção do público. A avaliação com relação à detenção da atenção é feita já no preparo da atividade de campo, em que se pensa em uma metodologia atrativa, porém durante a aplicação há uma atenção na reação do público, conforme explica o questionário 6 quando indagado como sabem se detém a atenção dos alunos: “Pelo comportamento, reações, expressões físicas e respostas à indagações feitas relacionadas ao assunto abordado.”

Quanto à retenção do conhecimento transmitido em campo por parte do público, os acadêmicos percebem que há uma retenção, por meio das atividades e indagações feitas, apenas um extensionista diz não saber se há a retenção do conhecimento. Há o relato ainda, de no caso do não entendimento do que se pretende compartilhar, busca-se uma mudança de estratégia, que facilite a compreensão e retenção do conhecimento.

O apoio nas atividades e o crescimento do acadêmico, motiva o mesmo a da continuidade as atividades, almejando a troca mutua de conhecimento, assim como relata o respondente 7:

Algumas vezes os alunos chegam para nós e falam que falaram sobre o projeto em casa, e isto fica sendo muito gratificante, pois conseguimos perceber o quão eficaz está sendo o projeto, além de termos a certeza que os alunos estão adquirindo sempre mais conhecimento.

## 5. ANÁLISE DE RESULTADOS

As ações descritas pelos acadêmicos extensionistas quando analisadas em conjunto com a teoria é perceptível grande semelhança, conforme o quadro 4:

**Quadro 4:** Comparativo entre teoria e prática.

Como pode acontecer a aplicação das Comunidades de Práticas (CoP)	Como foi observada / investigada a aplicação das Comunidades de Práticas (CoP) nesta pesquisa:
Grupo formal ou informal, não necessariamente de uma mesma organização (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, LAVE; WENGER, 1998, TERRA, s.d.);	- Grupos formais, divididos por projetos; - Composto por professores e acadêmicos extensionistas; - Interação por meio de reuniões semanais; - Assuntos discutidos relacionados a atividade em campo; - Interação entre todos os projetos da UNACSA, em reuniões esporádicas, em formato de capacitação.
Relacionamento baseado na confiança (LAVE; WENGER, 1998);	- Ação responsável, por parte dos acadêmicos; - Conhecimento formado em base científica; - Confiança nos professores devido a disponibilidade; - Confiança por parte do público decorrente dos resultados que aparecem ao longo do tempo.
Interesses em comum (LAVE; WENGER, 1998, TERRA, s.d.);	- Interesse central no tema do projeto de extensão; - Busca de crescimento no saber; - Eficiência e eficácia nas ações dos projetos..

Continua ....

Continuação ...

<p>Prática do compartilhamento de recursos como ideias, ferramentas, informação, estilos, linguagem, histórias e documentos (LAVE; WENGER, 1998, TERRA, s.d.);</p>	<p>Compartilhamento Professor – Acadêmico            - Diálogos;            - Exercícios.            Compartilhamento Acadêmico – Público alvo            - Diversas metodologias;            - Diálogos;            - Exercícios;            - Jogos empresariais;            - Dinâmicas;            - Vídeos.</p>
<p>Aprendizagem coletiva através do compartilhamento de conhecimento (LAVE; WENGER, 1998;TERRA, s.d.);</p>	<p>- Aprendizagem conjunta entre extensionistas e público alvo;            - Utiliza-se principalmente do diálogo.</p>
<p>Existência de um líder, o qual está relacionado o rendimento da transferência do conhecimento (TERRA, s.d.);</p>	<p>O professor coordenador do projeto, devido:            - Ser o mesmo o criador do projeto;            - O primeiro retentor do conhecimento do projeto;            - Responsável pela capacitação dos extensionistas;            - Facilitador de atividades;            - Responsável legal;            - Portador de características encontradas no perfil de um líder.</p>
<p>Estrutura composta sem rigidez de exercício, possibilitando a explanação em temas algumas vezes distantes do assunto central do grupo, ultrapassando a discussão do conhecimento técnico, porém mantendo-se focado (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002; LAVE, WENGER, 1998, TERRA, s.d.);</p>	<p>- Reuniões seguem uma pauta pré-estabelecida;            - Tema central nas atividades desenvolvidas o projeto de extensão;            - Aplicação no campo baseada no planejamento elaborado nas reuniões.</p>
<p>Desenvolvimento de recursos como ferramentas, rotinas e documentos (LAVE, WENGER, 1998);</p>	<p>- Rotina de reuniões e atividades em campo;            - Funções administrativas solicitadas pela UNACSA e a UNESCO;            - Formatação de relatórios com a descrição das atividades aplicadas;            - Participação em capacitação.</p>
<p>Estimulo da participação (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002);</p>	<p>- Atividade por si só motivadora;            - Motivação advinda da superação dos desafios;            - Estimulo por meio do interesse do público pelas atividades;            - Crescimento do conhecimento por parte dos acadêmicos.</p>
<p>Domínio do conteúdo (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, LAVE; WENGER, 1998);</p>	<p>- Decorrente da somatória das reuniões, capacitações, pesquisas e experiência;            - Troca de conhecimento por alunos de cursos diversos e fases diferentes;            - Crescimento do conhecimento através de pesquisas e experiências;            - Aquisição de conhecimento por meio das capacitações.</p>
<p>Engajamento com o cotidiano (LAVE, WENGER, 1998);</p>	<p>- Conhecimento compartilhado nas reuniões é aplicado em campo;            - Extensionistas adquirem conhecimento teórico, experiências além do projeto de extensão, internalizam conhecimentos compartilhados em reuniões e capacitações, para logo em seguida aplicar o conhecimento na atividade em campo.</p>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A teoria disponibilizada principalmente por Wenger, fundador da teoria de Comunidade Prática comprova que as ações práticas nos grupos de extensão caracterizam como CoP. Estas comunidades possibilitam para a extensão um crescimento teórico e prático ao acadêmico, acelerando o preparo para a ida a campo.

Por meio de reuniões semanais, os acadêmicos e professores interagem na troca de conhecimento. Nestes períodos de conversa, são feitos análise do que já foi feito em campo

e planejam-se melhorias, almejando o crescimento do público alvo. Todos esses assuntos são previamente planejados em pauta. Periodicamente a UNACSA reúne todos os extensionistas para a troca de informações dos projetos, visando o melhoramento do trabalho, bem como um alinhamento das atividades. Ambas as reuniões são consideradas pelos extensionistas como formatos de capacitação. Dentro deste preparo, os acadêmicos extensionistas desenvolvem seu conhecimento e tornam-se aptos para ir a campo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Comunidades de Práticas (CoP) constituem uma teoria relativamente nova, porém seu uso é algo que vem de tempos. O Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE) utiliza desta prática desde o princípio de suas atividades.

O compartilhamento do conhecimento dentro dos projetos de extensão ocorre em dois momentos. O primeiro é transmitindo do professor ao acadêmico, visando o preparo do extensionista para ir a campo. O segundo constitui o compartilhamento de conhecimento do acadêmico para o público alvo.

É visível a influência positiva das Comunidades de Práticas para o desenvolvimento dos acadêmicos, em seu preparo e facilidade na atividade em campo. Os grupos também possibilitam ao extensionista uma liberdade de busca de mais conhecimento para que o mesmo compartilhe seus conhecimentos e experiências.

A prática da extensão também constitui o formato das Comunidades de Prática, considerando que o compartilhamento do conhecimento ocorre tanto do acadêmico para o público como do público alvo para o extensionista. As atividades de campo ainda possibilitam ao acadêmico um *how know* para ser compartilhado nas reuniões.

Conclui-se que as atividades de extensão encontradas no Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor (POPE), apresenta as Comunidades de Prática (CoP) como atividade fundamental para o funcionamento da prática em campo.

## REFERÊNCIAS

BRISOLLA, Sandra et al. As relações universidade-empresa-governo: Um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). **Educação e Sociedade**, n. 62, p.187-210, dez. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n61/4704.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

CARVALHO, Cláudio Paula de. A gestão do conhecimento e sua correlação com a sustentabilidade organizacional. **Sistema e Gestão Revista Eletrônica**, v. 08, n. 01, p.78-85, 2013. Disponível em:< <http://www.uff.br/sg/index.php/sg/article/view/V8N1A7/V8N1A7>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27. Caxambu, 2004. Anais... Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt11/t1111.pdf>>. Acesso em 26 ago 2014.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

CONCEIÇÃO, Zely da. **Um framework para a transferência de tecnologia na interação universidade-empresa considerando os aspectos da gestão do conhecimento**. 2013. 195 f.

Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/08/Zely-da-Conceição.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira *et al.*. **Empreendedorismo na era do conhecimento**. Florianópolis: Visual Books, 2006. 188 p.

FREIRE, Patrícia de Sá. **Aumente a qualidade e quantidade de suas publicações científicas**: Manual para elaboração de projetos e artigos científicos. Curitiba: Editora CRV, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas. 2009.

LAVE, J.; WENGER, E. *Communities of Practice*, Infed, 1998. Disponível em: <[http://www.infed.org/biblio/communities\\_of\\_practice.htm](http://www.infed.org/biblio/communities_of_practice.htm)>. Acesso em: 15 Ago. 2014.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Embrapa: Informação Tecnológica**, Brasília, v. 36, n. 1, p.92-107, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.sct.embrapa.br/publicacoes/FernandoLeite\\_CI.pdf](http://www.sct.embrapa.br/publicacoes/FernandoLeite_CI.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2014.

LEMONS, Cristina. In.: Inovação na era do conhecimento. LASTRES, Helena; ALBAGLI, Sarita (org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 122-144.

LINO, Sônia Regina Lamego. **Diretrizes para a institucionalização da gestão do conhecimento na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, brasil**. 2013. 254 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/01/Sônia-Regina-Lamego-Lino.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

MORAIS, João Luiz de (Org.). **Perfil das universidades comunitárias**. Santos: Leopoldianum, 1989. 40 p.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: Como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 20. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. 357 p.

ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO (Santa Catarina) (Ed.). **Conheça a Credisol**. 2014. Disponível em: <<http://www.credisol.org.br/empresa>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO. **Manual de Oslo**: proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica. Copyright OECD, 1997. 136 p. Disponível em <[http://download.finep.gov.br/imprensa/manual\\_de\\_oslo.pdf](http://download.finep.gov.br/imprensa/manual_de_oslo.pdf)>. Acesso em: 07 jul. 2014.

SCHOMMER, Paula Chies. **Comunidades de prática e articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade**. 2005. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2005.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. 2013. Disponível em: <[http://xa.yimg.com/kq/groups/20876648/372422751/name/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/20876648/372422751/name/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf)>. Acesso em: 26 ago 2014

SONG, M.; BIJ, H. van der; WEGGEMAN, M. Factors for improving the level of knowledge generation in new product development. **R & D Management**, [S.l.], v. 36, n. 2, p. 173-87, Mar. 2006.

WENGER, Etienne; Mc DERMOTT, Richard; SNYDER, William. **Cultivating communities of Practice: a guide to managing knowledge**. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 2002. p. 284. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=m1xZuNq9RygC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=m1xZuNq9RygC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 07 jun. 2014.

RODRIGUES, Marcos Mazurek; GRAEML, Alexandre Reis. Gestão do conhecimento: o que se propõe a gerenciar, afinal?. **Enadi**, Bento Gonçalves, p.1-14, maio 2013. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnADI/enadi\\_2013/2013\\_EnADI34.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnADI/enadi_2013/2013_EnADI34.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2014.

SCHOMMER, Paula Chies. **Comunidades de prática e articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade**. 2005. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2005.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008. 319p.

TERRA, José Cláudio C.. Comunidades de prática: conceitos, resultados e métodos de gestão. **Biblioteca Terra Forum Consultores**. p.1-13. Disponível em: <<http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/libdoc00000098v002Comunidades%20e%20Pratica-conceitos,%20resultad.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. **Pesquisa e Extensão**. 2014. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/71>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. **Norma administrativa nº 04/2013**: critérios gerais de distribuição para as unidades acadêmicas das cotas de horas/aula docente, fomento e bolsas para projetos de extensão. Criciúma, 2013. 9 p. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/resources/documentosoficiais/9494.pdf?1387360985>>. Acesso em: 02 jul.2014.

\_\_\_\_\_. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. **Programa de orientação ao pequeno empreendedor – pope**. 2014. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/223/457/0/componente/projetoseacoes/verProjeto/57>>. Acesso em: 01 ago. 2014

\_\_\_\_. PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO. **Resolução n. 06/2008/consu e proext**: Manual da Extensão UNACSA. Criciúma: Unesc, 2014.

\_\_\_\_. Reitoria (Ed.). **Sobre a Unesc**. 2014. Disponível em:  
<<http://www.unesc.net/portal/capa/index/91/5139>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

\_\_\_\_. Reitoria (Ed.). **Universidade Comunitária**. 2014. Disponível em:  
<<http://www.unesc.net/portal/capa/index/91/5788/>>. Acesso em: 13 ago. 2014

VANNUCCHI, Aldo. **A universidade comunitária**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 101 p.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. Criatividade e inovação nas organizações do conhecimento.  
ANGELONI, Maria Terezinha (org.). **Organizações do conhecimento**: Infra-estrutura, pessoas e tecnologia. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 191-215.